

ST13

Cinema, cultura e sociedade: imagens, sons, sentimentos e razão para o conhecimento da realidade

Prof. Dr. Jorge Luiz Bezerra Nóvoa (UFBA)

Prof. Dr. Marcos Antonio da Silva (FFLCH/USP)

RESUMO: As novas tecnologias áudio-imagéticas são um imenso potencial para criação de representações do real, do imaginário sócio histórico, para a construção de novas possibilidades de narrativas, interpretações para a história e conhecimento das sociedades. **As imagens e os sons da história destilam uma razão contaminada de emoção e uma emoção contaminada pela razão**, quer no processo ensino/aprendizagem, quer no da pesquisa mais estritamente acadêmica. **Não existe separação absoluta nem oposição entre razão e emoção.** O laboratório da relação cinema-história, pela própria natureza de seu fazer-se, é muito fecundo para ajudar à razão a assumir os sentimentos que já são seus e é o que podemos chamar de razão sensível ou razão-poética: a estética e o “conteúdo” são duas dimensões de um único e mesmo processo, não só no cinema, mas em qualquer linguagem, inclusive no discurso histórico ou aquele das ciências sociais. Ao historiador e aos cientistas sociais, cabe aprender a leitura das linguagens específicas das diversas imagens e sons de qualquer realidade empírica ou sensível, de qualquer discurso, documento ou memória, etc.. Podemos ser historiadores do cinema, estudar o cinema como representação, interferência política e social ou como obra de arte “pura”. Utilizando séries de películas sobre um mesmo tema, recortando uma problemática e definindo um objeto específico, transformamos as imagens em documentos dos processos sociais. Mas reconhecemos seus limites junto com suas grandes possibilidades. Filmes de ficção ou documentários, não conseguem nem pretendem produzir uma narrativa ou uma representação plenamente objetiva no sentido da razão analítica e demonstrativa que é própria das ciências. Mas as películas nos dão mais que a “ilusão de realidade”! Produzem sim, em alguma medida, conhecimento, memória, testemunho, dados empíricos, interpretações, etc., com algum grau de objetividade próprio à razão sensível, pois as linguagens artísticas não se limitam ao universo da subjetividade dos artistas e de seus públicos. Nada disso, entretanto, substituirá a necessidade de nós, historiadores e demais cientistas sociais, termos clareza em relação ao objetivo que cada um de nós - e em cada momento específico, definiu ao ler um filme ou outro documento qualquer. Quando conseguimos isso, conseguimos também enxergar o lugar onde estamos e onde queremos estar para visualizar um filme, inclusive com a legitimidade de quereremos vê-lo apenas como puro divertimento – analisando esse viés, todavia. Qualquer discurso, inclusive o historiográfico, poderá alcançar maior ou menor objetividade, fidedignidade, verossimilhança. Mas querer apenas “exatidão” de qualquer discurso é confundir descrição cronológica com apreensão de processo histórico.

Este simpósio temático reúne diferentes ações de pesquisa e ensino nas relações entre cinema e história, visando o diálogo entre múltiplas abordagens metodológicas e a produção de conhecimento em história e em ciências sociais que dialogue com as experiências artísticas e sociais do cinema.